

VANESSA BARBARA



O jardineiro fiel

Há oito anos, o mineiro Pedro Marcelino Filho, de 73 anos, é jardineiro-chefe de quatro áreas públicas na Praça Joaquim Lopes, no Lauzane, zona norte de São Paulo. Ele não recebe nada da Prefeitura para cultivar lírios, íris, magnólias, primaveras e jacarandás num terreno em declive que antes vivia cheio de entulho. É aposentado há 25 anos (“quase tenho o direito de me aposentar de novo”, diz) e vem nas horas vagas cuidar do jardim, que tem robustas cercas de madeira e demanda muito trabalho braçal. Seu Pedro, que veste uma camisa

listrada parcialmente desabotoada, além de um sapato modesto, trabalhava com terraplenagem e chegou a passar um ano e meio na Subprefeitura da Sé. Preferiu sair de lá porque as coisas não funcionavam, e se engajou em trabalhos em campos de aviação no Paraguai e barragens no Paraná. Hoje faz carretos em seu caminhão. “Ainda sou um aprendiz”, declara, enquanto corta umas pragas amarelas dos arbustos. “Isso aqui é chamado de macarrãozinho, os pássaros trazem e acaba com as plantas.” Pedro adquire as mudas num canteiro de jardinagem da Prefeitura que fica na Rua

Doutor Zuquim, em Santana. Mostra um jequitibá, que veio dentro de um carro numa caçamba de 20 litros. “Quando cresce, precisa de dez pessoas pra dar um abraço.” Na vida desse senhor, natural de Pitangui, Minas Gerais, cuidar dos jardins é um divertimento. Mas ele observa que, se tivesse apoio, as coisas seriam muito mais fáceis. “Agora, por exemplo, é hora do adubo, aí se eu tivesse um pouco, armazenava e ia aplicando.” Na Praça Ultramarino, bem ao lado do território de Pedro, o pessoal do ponto de táxi e das Kombis de carroto, como o Luis, o Marcos e o To-



ILUSTRAÇÃO: CIDO GONÇALVES

ninho, expressa o mesmo pensamento. “Quem manda aqui ‘é nós’”, diz Antonio da Silva Braga, frequentador dos campeonatos de dominó da praça. “Da Prefeitura aqui não tem nada, a gente é que cuida de tudo.” De vez em quando, convocam reforços: “Na época da seca, quem doou água foi o Material de Construção Miúcha, além da dona da lojinha de 1,99, o cidadão que mora em frente da praça e o seu Ditto, vizinho de um dos jardins.” Ele conta: “Se a gente não cuidar do cantinho onde mora...” Mas não termina a frase. Enquanto Pedro continua podando os pingos-de-ouro, Antonio aproveita para mos-

trar uma área construída por eles numa esquina da praça: o “Cantinho do Truco”, onde há uma mesa, uma vassoura e um pôster do filme *Ultravioleta*, além da inscrição: “O que vale é a amizade. Sejam todos bem-vindos”, pintada na parede. ** Em tempo: a misteriosa Praça Tito, mencionada na primeira coluna, foi construída em homenagem a Trípoli Amelio Bernardini, avô da leitora Cristina Bernardini. Cristina aproveita para avisar que está se mudando para o Mandaquim, numa casa ao lado da do Cebola, e pede encarecidamente que não estraguem a mobília. ●

Paulistânia

FOTOS ERNESTO RODRIGUES/AE



Ele escreve em todas as linhas

Frederico Barbosa, o poeta da Casa das Rosas, do museu, da biblioteca...

Edison Veiga
O poeta Frederico Barbosa quase não escreve mais. Mas ele continua acreditando na força da poesia. Ele continua poeta. Seu último livro, *A Consciência do Zero*, foi lançado em 2004. “Aí veio isso aqui”, diz, referindo-se à Casa das Rosas – Espaço Cultural Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, sob sua direção desde que foi reaberta há exatos quatro anos. “De lá para cá, devo ter escrito no máximo uns dois poemas. Agora eu faço muita coisa em função da poesia dos outros, do ‘poetariado’ de São Paulo.” Ele continua poeta.
Não é pouca coisa. Os cursos realizados até hoje na Casa das Rosas, na Avenida Paulista, somam um total de 9 mil inscritos. Por ali, saraus e lançamentos de livros são constantes – na última terça, a entidade inaugurou uma livraria especializada em poesia. A Poiesis, organização presidida por Frederico, também administra o Museu da Língua Portuguesa, sucesso de público e de crítica, na Luz; a Casa Guilherme de Almeida, que deve ser reaberta no ano que vem como museu literário, em Perdizes; e o projeto cultural São Paulo: Um Estado de Leitores. Há dois anos, o poeta foi curador da Biblioteca Alceu de Amoroso Lima, em Pinheiros – transformou-a na primeira das bibliotecas temáticas da Secretaria Municipal de Cultura, um espaço dedicado à poesia. “Acredito realmente que a literatura pode ser boa para a vida das pessoas”, afirma. Ele continua poeta. Um fabricante de poetas.
Nascido no Recife em 1961, Frederico Barbosa sempre vi-

veu no meio dos livros. Seu pai, João Alexandre Barbosa (1937-2006), foi um importante crítico literário brasileiro e tinha uma biblioteca particular de cerca de 20 mil títulos. “Ele era uma das pessoas mais cultas que este país já teve”, elogia Frederico. “A literatura esteve presente até na escolha de meu nome, uma homenagem ao poeta Federico García Lorca.” Em 1967, convidado pela Universidade de São Paulo (USP), mudou-se para a capital paulista. “Foi um choque. Lá eu morava de frente para o mar. Aqui fomos para a Avenida São Luís”, lembra, contando que depois se mudaram para a Vila Madalena e, em 1971, para a Rua Monte Alegre, em Perdizes, onde sua mãe mora até hoje.
Adolescente, foi um fanático torcedor do Palmeiras. E assim, entre idas ao Parque Antártica e a adoração aos livros do pai, fez-se poeta. Era década de 70 e o alviverde desfilava em campo sua “segunda academia”, um time regido pelo talento de Ademir da Guia. “Meu maior ídolo na face da terra”, exagera. Em 1975, o poeta João Cabral de Melo Neto (1920-1999) publicou um poema chamado *Ademir da Guia*, no qual exaltava o ritmo próprio do craque. “Achei aquilo maravilhoso. O cara reproduziu direitinho o movimento do Ademir”, recorda-se, recitando-o (“Ademir impõe com seu jogo/ o ritmo do chumbo (e o peso)/ da lesma, da câmara lenta, do homem dentro do pesadelo...”). “Eu ia para o estádio, via o Ademir jogar e me lembrava do poema. Foi aí que comecei a escrever também.”
Mas até o primeiro livro ain-



INFÂNCIA ERUDITA – Aos 3 anos, entre os 20 mil livros de seu pai



AMIZADE – Frederico, em 1971, com irmã, pais e Haroldo de Campos

da haveria muito. Frederico foi estudar Física na USP e ensinava Matemática no Colégio São Domingos, em Perdizes, quando, em 1981, decidiu largar a faculdade. “Continuei dando aulas à tarde, mas comecei um projeto pessoal de ler uma peça de teatro por dia”, relata. Acabou não embarcando no teatro. Preferiu

cursar Letras, no ano seguinte, especializando-se em Grego. O jovem professor de Matemática mudou de time e abraçou a Literatura. Passou pelos colégios Equipe, Logus e Anglo, em 20 anos de magistério. Em 1990, lançou *Rarefato*. Depois vieram *Nada Feito Nada* (1993), vencedor do Prêmio Jabuti,

Contracorrente (2000), *Louco no Oco Sem Beiras* (2001), *Cantar de Amor Entre os Escombros* (2002), *Brasibreseiro* (2004) – em parceria com Antonio Risério, terceiro colocado no Jabuti – e o já citado *A Consciência do Zero* (2004).
Quando foi convidado para dirigir a Casa das Rosas, em 2004, precisou deixar de lado a carreira de professor. O desafio de reorganizar o espaço e transformá-lo em um centro cultural dedicado à poesia era maior ainda a ele, pela ligação afetiva com o poeta e tradutor Haroldo de Campos (1929-2003) – a biblioteca de 20 mil volumes que
Desde 1988, mora em um apartamento na Rua Caetés, em Perdizes – de 1993 para cá, com sua segunda mulher e a filha dela. No tempo livre, passeia pelo bairro: Parque da Água Branca, restaurantes das redondezas e um cineminha no Shopping Bourbon Pompéia – de madrugada. “Gosto de pegar a sessão da meia-noite”, conta. “Qualquer filme, só pelo prazer de ir ao cinema.”
Ele já exprimiu o amor por São Paulo em diversos de seus poemas. Em *Pernambucano Paulistano*, por exemplo, escreveu: “cada são paulo a que retorno/ toca tanto que é ruim/ marginal eu quase choro/ só porque me sinto vir”. Referia-se a uma vez que voltava, de carro, de Tamandaré, cidade litorânea de Pernambuco onde havia passado as férias. “Quando cheguei à Marginal, senti aquela poluição fedorenta e vi aquele tempo horroroso”, lembra. “Liguei o rádio e comecei a tocar *Sampa*, de Caetano Veloso. Meus olhos ficaram marejados.” Ao lado, sua mulher – paulistana – perguntou se ele estava chorando de tristeza por voltar ao caos. “Não”, respondeu. “É emoção. Esta é minha cidade. Que cidade linda!”
É com essa devoção que ele diz, discreto, em tom de confidência, que a única honraria que gostaria de ganhar é o título de “cidadão paulistano”. “Nenhuma outra comenda. O resto é tudo uma grande bobagem.” ●

estadao.com.br
Leia poemas do autor sobre São Paulo
www.estadao.com.br/c10